

AS DECISÕES NA *EKKLESIA*

César

No Império Romano todo o poder econômico e decisório estava nas mãos de César, o Imperador. Ele era onipotente, não devia a ninguém satisfação pelos seus atos. Era o grande patrono de todo o império, os outros eram seus clientes ou dependentes. O Império era uma grande rede de patronos e clientes, protetores e dependentes, todos protegidos de César. O que o patrono fazia era um favor, ao cliente só cabia gratidão e submissão.

Igreja - *ekklesia*

Ekklesia, a palavra grega que Paulo adotou para significar as comunidades cristãs, era, no contexto do Império Romano, o nome dado à assembléia dos grandes patronos, a elite local, para decidir as questões que César deixava a seu critério. No contexto da tradução grega da Bíblia *ekklesia* era a assembléia das tribos de Javé.

A *Ekklesia* cristã nada tinha de elite ou elitista. Eram todos apenas clientes, gente humilde, trabalhadores braçais, considerados a ralé na sociedade grega. Em Corinto havia um pequeno grupo de pessoas ricas, sábias e de alta linhagem (1Cor 1,26), mas é a maioria pobre, sem estudos e sem nome que é chamada de *ekklesia* de Deus: “ou desprezais a *ekklesia* de Deus e quereis envergonhar os que nada possuem?”.

Se no Império o relacionamento era de patronos e clientes, aqui, não. Aqui todos somos *irmãos*, a palavra escolhida para significar a igualdade entre todos os membros da *ekklesia* cristã.

Cargos e funções

A rede de comunidades que nos deu o Evangelho e as 3 Cartas atribuídas a João não dava a mínima importância a cargos e funções. Para as comunidades do Discípulo Amado o que importava era ser discípulo, seguir Jesus dando a vida pelos irmãos.

Quando Marcos no final do capítulo 10 coloca os Doze competindo por poder, está, sem dúvida, apontando problema que emergia na segunda geração cristã, “está batendo na cangalha para o burro entender”. Queira Deus o burro entenda.

Paulo em suas cartas sempre cita os companheiros que estão com ele e sempre diz “nós”, raramente passa para o “eu”. Organizava suas comunidades, deixava um conselho ou coordenação coletiva formada de “bispos” (Fl 1,1) ou “presbíteros” segundo os Atos dos Apóstolos, e também um grupo de ministros ou “diáconos”.

As decisões

Em coerência com o novo modelo de organização, as decisões devem ser tomadas coletivamente e com o conhecimento de todos. Vamos agora a alguns exemplos.

Paulo teve inúmeros problemas a resolver, especialmente nas comunidades de Corinto. Ali o pequeno grupo de ricos, sábios e de alta linhagem queria comandar a comunidade. No caso do moço que estava tendo relações com a mulher do próprio pai (5,1-13), estavam indiferentes e até convencidos. Paulo manda que se reúnam, ele e Jesus Cristo presentes em espírito, para expulsar o rapaz da comunidade, para o bem dele.

A carta de Paulo a Filemon é um modelo de respeito ao outro. Em conformidade com as leis do tempo, Paulo manda-lhe de volta seu escravo Onésimo levando a carta. Nela diz que Onésimo agora é um irmão e que, se deu algum prejuízo a Filemon, isso seja colocado na conta de Paulo, mas Filemon faça o que quiser com o escravo que lhe fugira. Pelas leis de então poderia até mandar matá-lo.

Nos Atos dos Apóstolos, todos os discípulos participam das decisões. No caso da distribuição dos alimentos (6,1-6), os de origem grega que reclamavam que seus

pobres estavam sendo deixados de lado foram plenamente atendidos, os diáconos, então nomeados para isso, têm todos eles nomes gregos.

No Evangelho segundo Mateus a mesma palavra dirigida a Pedro (16,19) “Tudo o que ligares na terra...”, é também dirigida à comunidade toda (18,18). Além disso, Jesus sempre mandava seus discípulos dois a dois. Entre os primeiros cristãos, pois, nunca houve decisões monárquicas e absolutas como no Império, todas as decisões eram tomadas coletivamente.

José Luiz